

OPINIÃO

Plantando no hoje, para colher um amanhã

Henrique Galvani (*)

Embora 2024 já tenha ficado para trás, seus impactos ecológicos ainda ecoam.

Em abril, o estado do Rio Grande do Sul enfrentou a pior enchente dos últimos 80 anos. No cenário global, o ano passado também foi marcado como o mais quente já registrado. De acordo com a versão provisória do Estado Global do Clima, publicada pela Organização Meteorológica Mundial (OMM), a temperatura média da superfície global ficou 1,54°C acima da média histórica de 1850/1900, até setembro do ano passado. Com este valor, o período supera a temperatura média global de 2023.

Esse cenário de aquecimento global gerou severas secas em diversas regiões do Brasil, exacerbando incêndios florestais, especialmente na Amazônia. Em 2023, a região registrou o maior número de queimadas em 17 anos, o que agravou as perdas na produção agrícola e afetou a economia e a segurança alimentar do país. Esses eventos refletem um risco iminente não só ambiental, mas também econômico, com uma possível queda de R\$ 300 trilhões na economia mundial devido aos efeitos das mudanças climáticas, segundo estudo publicado na revista Nature.

Estamos, portanto, em um ponto crucial: é hora de plantar no presente para garantir um futuro mais sustentável. É nesse contexto que surgem as startups verdes, empresas que desenvolvem soluções tecnológicas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas, reduzir emissões de gases de efeito estufa e promover práticas sustentáveis em diferentes setores.

O diferencial das startups verdes está em sua capacidade de agir com agilidade e eficiência, uma vez que operam com estruturas enxutas e altamente tecnológicas, permitindo a rápida adaptação e escalabilidade. Diferentemente das grandes corporações, que enfrentam burocracias e processos lentos, essas empresas podem implementar novas

soluções de forma mais ágil e escalável.

Segundo o relatório "Contribuição do Venture Capital para Floresta e Clima", da gestora KPPTL - Venture Capital e consultoria Impacta, o Brasil possui 1.829 startups de impacto, sendo 1.466 voltadas para Floresta e Clima. No entanto, apenas 10% dos negócios investidos são florestais, com foco em reflorestamento e restauração – uma lacuna que precisamos urgentemente preencher.

A urgência da transição climática é um desafio global, mas os números indicam que precisamos acelerar o financiamento em startups de clima. A expansão das tecnologias verdes/climáticas será indispensável para a transição energética e climática, mas o financiamento atualmente está aquém do necessário para viabilizar essa transição. De acordo com o estudo Scaling Growthstage Climate Tech Companies da BARCLAYS, globalmente, apenas 16% das necessidades de financiamento climático estão sendo atendidas atualmente, o que significa que os investimentos em startups de clima precisam aumentar mais de seis vezes – para US\$ 4,35 trilhões anuais até 2030 – para que possamos alcançar as metas climáticas.

O Brasil, com sua vasta diversidade e recursos naturais, tem um papel fundamental nessa jornada. O agro brasileiro tem uma posição privilegiada e estratégica no cenário global. Por isso, precisamos investir cada vez mais em tecnologias que unam produção eficiente, regeneração ambiental e adaptação climática. Acredito que a verdadeira transformação só ocorrerá por meio da colaboração entre a iniciativa privada e políticas públicas robustas, que devem garantir o direcionamento de investimentos e esforços para alcançar um futuro sustentável. Como diz o ditado popular: "É a união que faz a força." Juntos, podemos construir um futuro mais verde e próspero.

(*) CEO da Arara Seed, primeira plataforma de investimentos coletivos do setor do Agronegócio.

Tecnologia e sustentabilidade impulsionam a produção de pepino japonês

Em um cenário onde o desperdício de insumos pode determinar o sucesso ou o fracasso de uma safra, a tecnologia emerge como uma grande aliada. A precisão no manejo e na aplicação desses recursos é essencial para evitar desperdícios e otimizar os investimentos, tornando a produção mais competitiva e lucrativa.

A sustentabilidade e a eficiência já não são apenas tendências, mas exigências para o sucesso na agricultura moderna. Reduzir custos e aumentar a produtividade são metas que muitos produtores têm alcançado com o uso de soluções tecnológicas. Um exemplo disso é Lucas Nikaido Wakayama, produtor de pepino japonês, em Orindiúva, interior de São Paulo. Com mais de 20 anos de experiência ao lado da família na lavoura, conseguiu otimizar sua produção de forma expressiva nos últimos quatro anos, ao adotar práticas inovadoras e modernas no campo.

Utilizando produtos exclusivos, o agricultor revolucionou a forma como gerencia suas plantações. Segundo Lucas, o uso das soluções apresentadas pela empresa Hydro-

plan-EB maximizou os resultados em suas estufas sendo um divisor de águas. "Antes, enfrentávamos grandes desafios no controle de pragas e doenças no fruto", ressalta. "Com a utilização do tratamento Hydroplan, percebemos uma redução significativa no descarte de frutos com defeitos, além de uma melhora na qualidade dos pepinos produzidos".

No tratamento da safra, foi utilizada uma combinação estratégica de produtos da Hydroplan-EB para garantir o máximo desempenho e sustentabilidade. Para a proteção e saúde do solo, aplicou-se o Mikro HF. O cuidado com as mudas foi realizado com a linha especial de nutrição Thodar, que, complementada pelo fertilizante Devello, promoveu maior absorção de nutrientes, resultando em um desenvolvimento mais vigoroso das plantas. Além disso, os fertilizantes à base de Potássio (K) e Fósforo (P), aliados ao bioestimulante especial Lannoite, forneceram os nutrientes essenciais de forma eficiente. Durante o período de crescimento, a aplicação dos óleos essenciais Valko e Hapan auxiliou na defesa das plantas, reduzindo significativamente as perdas ao longo da safra.

Estação seca

Iniciar a vedação de pasto nas águas garante forragem disponível para o gado

Prática envolve a exclusão de áreas específicas do pastejo durante a época das chuvas, permitindo que a vegetação acumule uma reserva estratégica para alimentar o rebanho

A chegada da estação seca sempre causa preocupação ao setor agropecuário pela perspectiva de redução da forragem para alimentar o rebanho. Durante a época das chuvas, uma alternativa para amenizar o problema é a chamada vedação de pasto, técnica usada para garantir disponibilidade de forragem durante períodos de escassez, como a estiagem. A prática envolve a exclusão de áreas específicas do pastejo durante a estação chuvosa, permitindo que a vegetação acumule uma reserva estratégica de forragem.

Para o zootecnista e diretor técnico industrial da Connan, Bruno Marson, o momento de preparar o pasto para enfrentar a falta de chuvas é no terço final da época das águas, pois os animais possuem alimento suficiente, devido aos campos estarem com boa qualidade. Além disso, Marson destaca que a técnica colabora para a redução de custos da fazenda, uma vez que os animais terão volumoso suficiente durante o período seco.

"Se o pecuarista desenvolver um planejamento nesta fase do ciclo ele terá alimento para o rebanho no período da estiagem, garantindo a manutenção do escore corporal dos animais e da lucratividade da propriedade", pontua Marson.

Segundo ele, antes de usar a técnica, é necessário um plano estratégico que aponte as áreas adequadas para a vedação, considerando a capacidade de suporte da pastagem e as condições de crescimento das plantas. Marson observa que o produtor deve priorizar espécies com bom potencial de crescimento e capacidade de manter o valor nutritivo durante o período de vedação, como a braquiária, capim estrela e tiftons.



"O período ideal para vedar o pasto na maior parte do país é entre o fim de fevereiro e durante o mês de março, quando ainda é possível aproveitar o período chuvoso para produzir forragens com boa qualidade nutricional. Além disso, é importante a adubação nitrogenada, pois ajuda no desenvolvimento da forragem e na qualidade do material diferido", explica. "Outra técnica interessante é realizar o escalonamento da vedação. Dessa forma, temos a disponibilidade de forragens em diferentes períodos. A recomendação é trabalhar em terços da área total, sendo vedado o primeiro terço em fevereiro e os outros dois em março."

O zootecnista alerta, porém, que mesmo com a vedação é importante complemen-

tar a alimentação do gado com suplementos corretos para garantir a saúde e produtividade dos animais. Entre as vantagens da vedação estão a manutenção do peso e saúde do gado, evitando perdas de produtividade durante a seca; a regeneração natural da pastagem, o que contribui para a sustentabilidade do sistema de produção; o equilíbrio forrageiro, que evita o superpastejo e a degradação das áreas de pasto; e a facilitação do manejo do rebanho, permitindo uma melhor organização e planejamento das atividades pecuárias.

"A vedação é uma saída encontrada pelo pecuarista para amenizar os efeitos da estiagem sobre o pastejo. Quando bem planejada, só traz vantagens para a fazenda e principalmente para o rebanho", finaliza.

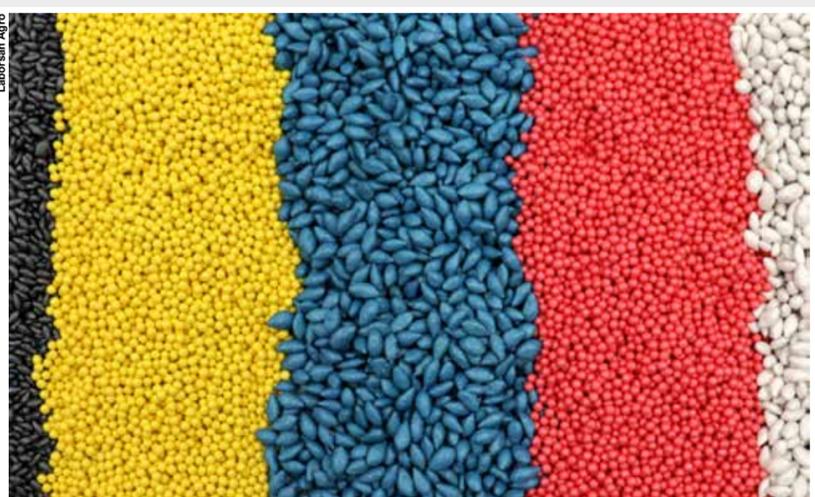
Peletização de sementes: uma solução tecnológica para otimizar a eficiência no campo

A peletização de sementes é um processo avançado que recobre as sementes com uma combinação de produtos, formando uma camada uniforme que aumenta o tamanho, o peso e o formato. Essa camada lisa facilita o manuseio e o plantio mecanizado, permitindo também a incorporação de ativos e aditivos.

A Laborsan Agro, referência em soluções tecnológicas para o mercado sementeiro, apresenta seus destaques no processo de peletização, utilizando os produtos exclusivos LabGum e LabMax. Essas soluções reunidas recobrem as sementes, resultando em um produto homogêneo de aspecto liso e com resistência mecânica superior, promovendo maior plantabilidade.

O LabGum é um produto de fácil dissolução em temperatura ambiente, conferindo excelente adesividade mesmo em baixas concentrações. É atóxico ao homem e não interfere na fisiologia das sementes, tornando-o ideal para garantir um recobrimento eficiente e seguro.

Já o LabMax é indicado para revestimento, proporcionando homogeneidade no tamanho e formato das sementes. Ele também funciona como veículo para ativos e aditivos, como fungicidas, inseticidas, nematicidas e biopromotores. Além disso, o LabMax não interfere nos índices de germinação, oferecendo versatilidade e segurança no processo.



Diferenças entre peletização e incrustação

Embora a peletização e a incrustação compartilhem algumas semelhanças, cada técnica tem características específicas que atendem a diferentes necessidades agrícolas.

Na peletização, o objetivo é criar uma camada uniforme que aumenta significativamente o tamanho e o peso das sementes, conferindo um formato liso e homogêneo. Este processo é ideal para situações onde o plantio mecanizado exige alta precisão, além de permitir a incorporação de diversos ativos que promovem a proteção e o desenvolvimento das sementes.

Já na incrustação, é preservado o formato original da semente, suavizando apenas as imperfeições da superfície. É uma solução eficiente para necessidades de curto prazo e situações onde o formato original da semente deve ser mantido.

"Estamos comprometidos em oferecer soluções de alta performance, que garantem não apenas produtividade, mas também segurança e sustentabilidade no campo. Cada tecnologia foi desenvolvida para atender às demandas específicas dos nossos clientes, promovendo resultados excepcionais em diversas culturas agrícolas", ressalta o Eng. Agrônomo Robson Soares, Gerente de Agronomia e GDM da Laborsan Agro.

Algoritmos ajudam a tornar preciso o Manejo Integrado de Pragas

O Manejo Integrado de Pragas (MIP), em seu conceito, consiste em um conjunto de tecnologias que, quando utilizadas harmonicamente, permitem a condução dos cultivos por meio de táticas sustentáveis e econômicas no controle dos inimigos naturais das lavouras. Esse processo inclui o uso racional, principalmente, de defensivos, que são aplicados apenas quando necessários, de forma estratégica, bem como a utilização de biológicos.

Atualmente, o MIP destaca-se principalmente entre os produtores que buscam

alcançar maiores níveis de produtividade, ampliando o volume colhido por hectare. Porém, sua condução deve ser feita sempre pensando na saúde e reventiva das plantas. "Assim como é recomendado ao ser humano, prevenir é o melhor remédio, pois, à medida que a lavoura vai crescendo, cada etapa está sujeita a novas doenças, insetos, plantas daninhas, e a todo tempo diversos fatores podem comprometer a sua saúde. Dessa maneira, a prevenção deve ser pensada em cada estágio fenológico", destacou o engenheiro agrônomo, Felipe de Carvalho, coordenador da Sima no Brasil.

Ao ter em mente a importância do manejo preventivo, o segundo passo para tornar eficiente o MIP é a organização, ou seja, poder agir rapidamente diante de qualquer adversidade. Esse planejamento passa obrigatoriamente pelo correto monitoramento das lavouras. Segundo Carvalho, nos últimos anos, o fator clima tem impactado cada vez mais no ciclo de plantio e, se o produtor ou seu agrônomo não tiverem todas as informações muito bem catalogadas, o controle de aplicações torna-se difícil. "Fazer uma intervenção no tempo adequado é fundamental", reforçou o especialista.